

CARLOS MARIGHELLA

100 ANOS DE NASCIMENTO



SENADO FEDERAL

SENADORA
LÍDICE DA MATA

BRASÍLIA
DF



SENADO FEDERAL

Senadora LÍDICE DA MATA

Carlos Marighella

100 Anos de Nascimento

BRASÍLIA – DF

APRESENTAÇÃO

Esta publicação é uma contribuição às comemorações do centenário de nascimento do líder revolucionário Carlos Marighella, no momento em que cresce no Brasil um amplo movimento de reconhecimento histórico da sua importância para a redemocratização do país.

Encerrando uma série de eventos comemorativos em âmbito nacional, no dia 5 de dezembro de 2011, em que completaria seu centenário, Carlos Marighella teve a anistia *post mortem* aprovada pela unanimidade dos conselheiros da Comissão Nacional de Anistia, reunida no Teatro Vila Velha, em Salvador.

Em nome do Estado brasileiro, o vice-presidente da Comissão, Egmar José de Oliveira, pediu profundas desculpas ao filho Carlos Marighella e à viúva Clara Charf pela perseguição política de duas ditaduras que levou Marighella a ser preso e torturado e à cassação do mandato de deputado federal na Era Vargas.

Na emocionante sessão, em que estiveram presentes, entre outras autoridades, o Governador da Bahia, Jaques Wagner, o ex-Governador Waldir Pires, a Deputada Janete Capiberibe (AP), o Deputado Federal Emiliano José, autor da biografia de Marighella, e o presidente do Grupo Tortura Nunca Mais, Joviniano Neto, compôs a mesa de abertura ao lado do colega de partido, o também Senador João Capiberibe (AP), que atuou como testemunha no julgamento.

Independente de julgamentos e das práticas políticas que defendeu, Marighella destacou-se e transcendeu seu tempo pela luta que empreendeu, não hesitando em doar a própria vida em busca da concretização de um ideal de liberdade. Liberdade, entendida como satisfação plena das necessidades humanas.

Esta homenagem torna-se, portanto, indispensável, não só pela identidade que eu e Marighella temos em comum em relação à luta pela liberdade; assim como pelo meu compromisso em destacar a importância de sua companheira de militância Ana Montenegro, de meu pai, Aurélio, de Carlinhos Marighella e de todos os seus familiares como personagens relevantes na trajetória deste grande homem.

Um cordial abraço,

Sensadora **LÍDICE DA MATA**

***Discurso Proferido pela Senadora
Lídice da Mata no dia 8 de novembro
de 2011, no Plenário do Senado Federal***

No dia 4 de novembro foi realizado um ato público, no Cemitério das Quintas dos Lázarus, em Salvador, dando início às comemorações do centenário de Carlos Marighella e do lançamento da campanha pela construção do Memorial Marighellavive, na Bahia. A homenagem, promovida por familiares e ex-companheiros, com apoio da Comissão de Anistia e do Grupo Tortura Nunca Mais/BA, reuniu personalidades políticas, intelectuais, artistas e representantes de entidades e movimentos sociais.

As comemorações prosseguem no próximo dia 5 de dezembro, data em que Marighella completaria 100 anos. Nesse dia a Comissão de Anistia estará na Bahia para a realização de uma sessão simbólica no Teatro Vila Velha, oportunidade em que, em nome do Estado, será feito o pedido de desculpa formal aos familiares do homenageado.

Esses acontecimentos revestem-se de grande relevância porque esclarecem fatos e circunstâncias, contribuindo para que a história seja recontada como realmente aconteceu, e é isso que todos nós queremos.

Nascido em Salvador em 5 de dezembro de 1911, filho de imigrante italiano com uma negra descendente dos haussás, Marighella, ainda adolescente, já questionava criticamente o capitalismo, sistema que ele identificava como responsável pelas desigualdades, injustiças e demais mazelas sociais. Daí o seu despertar para o engajamento nas lutas sociais, dando início a uma trajetória revolucionária que não teria retorno. Muitos anos depois es-

creveria: "Como homem do povo, escolhi cedo o caminho, que só podia ser o da luta pela liberdade".

Em 1929, aos 18 anos, inicia o curso de engenharia civil na antiga Escola Politécnica da Bahia, e em 1932 ingressa na Juventude Comunista. Nesse ano, participa de manifestações contra o regime autoritário implantado pela Revolução de 1930, e escreve e divulga um poema ridicularizando o interventor da Bahia, Juracy Magalhães. Em consequência, pela primeira vez, é preso e espancado, por determinação expressa do interventor.

Em 1936, abandonou o curso de engenharia e mudou-se para São Paulo por exigência da direção do PCB, com a tarefa de reorganizar o partido, que havia sido duramente reprimido após o fracasso da chamada Intentona Comunista de 1935. No dia 1º de maio de 1936, é preso pela segunda vez e durante 23 dias foi brutalmente torturado, permanecendo encarcerado por um ano sem que houvesse qualquer condenação formal contra ele.

Libertado, em 1937, pela anistia assinada pelo ministro Macedo Soares, quatro meses depois volta a atuar na clandestinidade devido ao golpe de Getúlio Vargas que instaura o Estado Novo. Até 1939, quando mais uma vez é preso e torturado, dedica-se à reestruturação do partido e ao combate à ditadura Vargas. Nos seis anos seguintes, Marighella é encarcerado nos presídios de Fernando de Noronha e Ilha Grande.

Anistiado, em abril de 1945, participa ativamente do processo de redemocratização do país. Com a deposição de Getúlio, são convocadas eleições gerais, o PCB é legalizado e ele é eleito deputado federal constituinte, com expressiva votação, pelo estado da Bahia. Na Câmara dos Deputados, tem uma atuação marcante, despontando como um dos mais combativos parlamentares daquela legislatura.

Em menos de dois anos proferiu cerca de duzentos discursos, quase sempre em defesa da soberania nacional, das causas operárias e de denúncias das péssimas condições de trabalho e aviltantes salários a que eram submetidos os trabalhadores brasileiros, enfatizando o regime de exploração e a desumana carga horária praticada em alguns setores, a exemplo das mulheres da indústria

fumageira do Recôncavo Baiano, que eram obrigadas a uma jornada de trabalho de até 15 horas, inclusive aos domingos e feriados.

Em decorrência da anulação do registro do PCB, em 1947, e da cassação dos mandatos dos deputados comunistas no início de 1948, só restou a Marighella o retorno à clandestinidade. Na década de 1950, participa das campanhas populares em defesa do monopólio estatal do petróleo, contra o envio de soldados brasileiros à Coreia, organiza a greve geral "dos cem mil", em 1953, e visita a China Popular e a União Soviética. E, também nesse período, dá início, com a publicação de *Alguns aspectos da renda da terra no Brasil*, a uma série de ensaios sobre a questão agrária brasileira.

Com a eleição e posse de Juscelino Kubitschek, em 1956, o país experimentou um período de estabilidade política somente interrompida pelas revoltas militares de Jacareacanga e Aragarças, o que possibilitou ao PCB atuar sem ser reprimido. Sucedendo Juscelino, assume Jânio Quadros a Presidência da República, à qual sete meses depois renuncia, o que provoca a maior crise político-militar do período republicano. Contra a vontade dos militares, o vice-presidente João Goulart toma posse. Em 31 de março de 1964 é deflagrado o golpe militar que instala um regime autoritário que se prolongaria por mais de vinte anos (1964-1985).

Imediatamente após o golpe, foi desencadeada uma brutal repressão contra grupos e organizações controladas pelas esquerdas, a exemplo do CGT, da União Nacional dos Estudantes (UNE), das Ligas Camponesas e de grupos católicos como a Juventude Universitária Católica (JUC) e a Ação Popular (AP). Milhares de pessoas são presas ilegalmente e a tortura começa a ser aplicada aos prisioneiros políticos.

Entre 1965 e 1966 escreve e publica os livros *Por que resisti à prisão* e *A Crise Brasileira*. Nesse último, analisa criticamente a posição do PCB frente à ditadura e defende a opção pela luta armada, baseada na aliança operário-camponesa.

Ignorando a orientação do PCB, em 1967, Marighella viaja a Cuba para participar da Conferência da Organização Latino-Americana de Solidariedade – OLAS. Via telegrama, o partido desautoriza sua participação e o ameaça de expulsão. Marighella envia

carta ao Comitê Central rompendo com o PCB e declarando que ninguém precisa pedir licença para praticar atos revolucionários. Retorna ao Brasil e funda a Aliança Libertadora Nacional – ALN. Outros militantes do PCB abandonam o partido e aderem à proposta de Marighella. Inicia-se, então, a luta armada contra a ditadura.

Capturar Marighella, vivo ou morto, tornou-se, então, uma questão de máxima prioridade para o regime militar. Mais ainda, tornou-se uma questão de "honra". Cartazes de "Procurados" foram espalhados por todo o Brasil e sua perseguição envolveu toda a estrutura dos órgãos de repressão, até seu assassinato em 4 de novembro de 1969, na Alameda Casa Branca, na capital paulista.

Com o advento da Lei de Anistia em 1979, os restos mortais de Marighella são levados para Salvador e sepultados em um túmulo projetado por Oscar Niemeyer. Nesse ato uma comovente mensagem de Jorge Amado, também integrante da bancada comunista de 1946, é lida para uma multidão de baianos presentes ao cemitério. É reproduzida na íntegra a seguir:

"Saravá, Carlos!

Chegas de longa caminhada a este teu chão natal, território de tua infância e adolescência. Vens de um silêncio de dez anos, de um tempo vazio, quando houve espaço e eco apenas para a mentira e a negação. Quando te vestiram de lama e sangue, quando pretenderam te marcar com o estigma da infâmia, quando pretenderam enterrar na maldição tua memória e teu nome. Para que jamais se soubesse da verdade de tua gesta, da grandeza de tua saga, do humanismo que comandou tua vida e tua morte. Trancaram as portas e as janelas para que ninguém percebesse tua sombra erguida, nem ouvisse tua voz, teu grito de protesto.

Para que não frutificasses, não pudesses ser alento e esperança. Escreveram a história pelo avesso para que

ninguém soubesse que eras pão e não erva daninha, que eras vozeiro de reivindicações e não pragas, que eras poeta do povo e não algoz. Cobriram-te de infâmia para que tua presença se apagasse para sempre, nunca mais fosse lembrada, desfeita em lama.

Esquartejaram tua memória, salgaram teu nome em praça pública, foste proibido em teu país e entre os teus. Dez anos inteiros, ferozes, de calúnia e ódio, na tentativa de extinguir tua verdade, para que ninguém pudesse te enxergar. De nada adiantou tanta vileza, não passou de tentativa vã e malograda, pois aqui estás inteiro e límpido. Atravessaste a interminável noite da mentira e do medo, da desrazão e da infâmia, e desembarcas na aurora da Bahia, trazido por mãos de amor e de amizade. Aqui estás e todos te reconhecem como foste e serás para sempre: incorruptível brasileiro, um moço baiano de riso jovial e coração ardente. Aqui estás entre teus amigos e entre os que são tua carne e teu sangue. Vieram te receber e conversar contigo, ouvir tua voz e sentir teu coração. Tua luta foi contra a fome e a miséria, sonhavas com a fartura e a alegria, amavas a vida, o ser humano, a liberdade. Aqui estás, plantado em teu chão e frutificarás. Não tiveste tempo para ter medo, vences-te o tempo do medo e do desespero. Antonio de Castro Alves, teu irmão de sonho, te adivinhou num verso: "era o porvir em frente do passado. Estás em tua casa, Carlos; tua memória restaurada, límpida e pura, feita de verdade e amor. Aqui chegaste pela mão do povo. Mais vivo que nunca, Carlos".

Jorge Amado, 10 de dezembro de 1979

Atualmente, cresce no Brasil um amplo movimento de reconhecimento histórico, que atribui a Marighella papel importante para a redemocratização do país. Nessa conjuntura foi recentemente lançada a Campanha Pró-Memorial Marighellavive, que pretende levantar recursos para construir em Salvador um memorial dedicado à difusão do seu pensamento político.

Por tudo isso, celebrar a memória de Carlos Marighella, nestes quarenta anos que nos separam da sua covarde execução, é reafirmar o compromisso com a marcha do Brasil e da Nuestra América rumo à realização da nossa vocação histórica para a liberdade, para a igualdade social e para a solidariedade entre os povos. Celebrando a memória de Carlos Marighella, abrimos o diálogo com as novas gerações garantindo-lhes o resgate da verdade histórica. Reverenciando seu nome e sua luta, afirmamos nosso desejo de que nunca mais a violência dos opressores possa se realimentar da impunidade. Carlos Marighella está vivo na nossa memória e nas nossas lutas.

Muito obrigada.

AGENDA DE HOMENAGENS PELO CENTENÁRIO DE MARIGHELLA

Dia 4-11-11 – Ato no local de sua morte, na Alameda Casa Branca, São Paulo/SP

Ex-companheiros de Carlos Marighella (ALN) prestaram homenagem em memória ao seu assassinato, em 1969, pelas forças militares. Além das flores diante de uma pedra que marca o local exato da morte, militantes fizeram uma troca simbólica das placas da Alameda Casa Branca para Alameda Carlos Marighella. A ex-companheira de Marighella, Clara Charf, esteve presente no ato.

Dia 8-11-11 – Ato Público no Cemitério Quinta dos Lázaros, em Salvador/BA

No dia 4 de novembro foi realizado um ato público, no Cemitério das Quintas dos Lázaros, em Salvador, dando início às comemorações do centenário de Carlos Marighella e do lançamento da campanha pela construção do Memorial Marighella-vive, na Bahia. A homenagem, promovida por familiares, ex-companheiros, com apoio da Comissão de Anistia e do Grupo Tortura Nunca Mais/BA, reuniu personalidades políticas, intelectuais, artistas e representantes de entidades e movimentos sociais.

Dias 5 e 6-12-11 – 53ª Caravana da Anistia, Salvador/BA

A Comissão de Anistia do Ministério da Justiça aprovou, por unanimidade, o processo de anistia política do militante político

Carlos Marighella, morto em 1969 por agentes da Ditadura Militar. Na sessão aberta ao público, no Teatro Vila Velha, em Salvador, os conselheiros da comissão seguiram o voto da relatora Ana Guedes.

Dia 5-12-11 – Exibição do Documentário *Marighella*, Salvador/BA

Exibição do documentário *Marighella*, de Isa Ferraz, em sessão especial no Espaço Cultural Unibanco. Isa Grispum Ferraz é sobrinha do guerrilheiro.

Dia 5-12-11 – Inauguração de Placa na UFBA, Salvador/BA

A Associação dos Professores Universitários da Bahia inaugurou uma placa em sua sede em homenagem a Marighella, que estudou engenharia civil na UFBA.

Dia 5-12-11 – Ato pelo centenário de nascimento de Carlos Marighella, São Paulo/SP

Militantes de diversos grupos políticos, admiradores e amigos comemoraram no Auditório da Biblioteca Municipal Alceu Amoroso Lima, em São Paulo, o centenário de nascimento do revolucionário Carlos Marighella, assassinado em 1969, por agentes da ditadura militar. O evento contou com exibição de vídeos sobre sua vida, depoimentos sobre sua militância, leituras de textos e poesias de seu livro *Rondó da Liberdade* e apresentação musical.

Dia 15-12-11 – Lançamento do “Ano Marighella”, Rio de Janeiro/RJ

A Associação Brasileira de Imprensa – ABI sediou o lançamento do “Ano Marighella”, em comemoração ao centenário de nascimento de Carlos Marighella. Para resgatar a memória do guer-

rilheiro serão realizados ao longo do ano seminários, debates, palestras e exposições.

Durante a solenidade foi exibido o documentário *Carlos Marighella – Quem samba fica, quem não samba vai embora*, do cineasta Carlos Pronzato, que reúne depoimentos sobre a trajetória do revolucionário brasileiro.

GALERIA DE FOTOS



Senador João Capiberibe, Senadora Lídice da Mata e a Deputada Federal Janete Capiberibe



*Senadora Lídice da Mata e Senador João Capiberibe
com autoridades e políticos da Bahia*



*Governador da Bahia, Jaques Wagner, e a viúva de Marighella,
Sra. Clara Charf*



*Governador Jaques Wagner, Sra. Clara Charf, viúva de Marighella,
Fernando Schmidt, Domingos Leonelli,
secretários do Governo da Bahia*



SENADORA
LÍDICE DA MATA

GABINETE DA SENADORA LÍDICE DA MATA

Ala Senador Teotônio Vilela, nº 15, Anexo II
Senado Federal

CEP 70165-900 – Brasília/DF

Tel.: (61) 3303-6408 – Fax: (61) 3303-6414

e-mail: lidice.mata@senadora.gov.br

ESCRITÓRIO DE APOIO PARLAMENTAR

Rua Jacobina, nº 64 – Ed. Empresarial Rio Vermelho – Salas 101/102

CEP 41940-160 – Salvador/BA

Tel./Fax: (71) 3240-3455/3326

e-mail: lidice@lidice.com.br